

Urubus Corporativos: Quando até a morte vira oportunidade de marketing

■ Página 3

Tribuna Popular

EXCLUSIVO

Foz do Iguaçu, 9 a 15 de junho de 2026 | Edição 436 | Ano XII | R\$ 3,00

FOZ 112 ANOS:

CIDADE AMARGA GESTÃO

DO GENERAL QUE PROMETEU

SONHOS E ENTREGOU PESADELOS



■ Passados 18 meses da malsinada gestão Silva e Luna, a sensação é que Foz do Iguaçu não está sendo administrada por um general em campanha permanente, mas por um síndico excessivamente preocupado em seguir um cronograma enquanto o prédio pega fogo. Mas a contagem regressiva já começou: restam 30 meses de desgoverno

■ Páginas 4 e 5

Adnan El Sayed convoca especialista em não federalizar Hospital Municipal

■ Página 8

PRETO NO BRANCO

ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE

Após uma pesquisa avançada não foi encontrado nenhuma obra iniciada com recursos da atual gestão do Prefeito General Silva e Luna. Esse seria o prefeito dos sonhos da direita? Será que ainda há esperança?

VICE DAS ENGANAÇÕES

O vice-prefeito Ricardo Nascimento foi a Curitiba e voltou com a promessa de que conseguiu o dinheiro para a trincheira do Jupira? Mas cadê o projeto, cadê o empenho? Em ano eleitoral até papagaio fala.



CENTRO DE CONVENÇÕES E OS R\$ 79 MILHÕES

Pergunta que não quer calar? Aonde está os R\$ 79 milhões do Centro de Convenções para a construção da nova prefeitura? Alguém sabe dizer alguma coisa sobre isso?

FOZ AGORA COM 1 DEPUTADO FEDERAL

Nos últimos meses eram três deputados federais de Foz do Iguaçu (Luciano Alves, Giacobbo e Vermelho) e agora só temos um? Nelci Couguetto Maria, o Vermelho. Mesmo partido do Prefeito General Silva e Luna.

ANIVERSÁRIO DA CIDADE

Segundo informações o Prefeito General Silva e Luna fará uma nova série de promessas no dia do aniversário de 112 anos de Foz do Iguaçu.

FOZTRANS PELA BOLA SETE

Dizem que o General Silva e Luna vem procurando um nome solido novo para comandar a FOZTRANS. Será que vão interromper a industria da multa?

TREVO DO CTG

Foram tantas promessas que as obras do trevo do CTG Charrua já estava prestes a começar. Quem vai na FARTAL vai ver que a dita "obra" não passava de promessas de campanha.

Tribuna Popular

Jornalismo sem censura

É uma publicação da E Alliana - ME
CNPJ 37.189.127/0001-00
Telefone (45) 3523-7826 - Foz do Iguaçu / PR
jtribunapopular@bol.com.br

REDAÇÃO

Diretor: Enrique Alliana
Jornalista Responsável:
Enrique Alliana - MTB: 0010793/PR

COMERCIAL

Claudete Desbezel

Impressão: Grafinorte Gráfica

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião do jornal

Quando até a morte vira oportunidade de marketing

A notícia era sobre a falta de vagas para famílias vulneráveis, mas a propaganda tratou o assunto como se toda a cidade estivesse disputando o último lugar no cemitério

Enrique Alliana / Jornalista

Fotos: Reprodução

Há momentos em que a realidade consegue superar qualquer roteiro de humor ácido. Em Foz do Iguaçu, a recente crise envolvendo a falta de vagas para sepultamentos gratuitos nos cemitérios públicos é um desses casos.

Uma situação grave, consequência direta da incapacidade administrativa de gestores que, ao que tudo indica, passaram anos observando o problema crescer como quem acompanha uma rachadura na parede acreditando que ela vai se consertar sozinha.

O mais impressionante não é o fato de o problema ter chegado a esse ponto. Afinal, em algumas administrações públicas, planejar o futuro parece ser considerado um esporte radical. O surpreendente é a velocidade com que alguns enxergaram na crise uma excelente oportunidade de negócio.

"Faltou jazigo? A solução chega em suaves prestações"

Mal a notícia da falta de vagas para sepultamentos gratuitos ganhou destaque nos meios de comunicação, surgiu nas redes sociais uma propaganda patrocinada oferecendo uma suposta solução milagrosa: a cremação através de um plano funerário.

A peça publicitária tem todos os ingredientes de uma boa campanha emocional. Uma atriz, com tom de preocupação cuidadosamente ensaiada, per-



gunta ao público se viu a notícia da falta de vagas nos cemitérios e afirma que existem situações que parecem não ter solução. Logo em seguida, apresenta a cremação como alternativa moderna, inteligente, sustentável, respeitosa e praticamente revolucionária.

"Da falta de jazigos ao marketing da morte"

É quase uma versão funerária daqueles comerciais que prometem felicidade eterna em apenas doze parcelas sem juros.

O detalhe é que a propaganda parece ter sofrido de uma curiosa alergia a informações importantes.

"Morreu a gratuidade, nasceu a mensalidade"

Por exemplo, não se fala com a mesma empolgação que as mensalidades iniciam em torno de R\$ 80. Também não há grande destaque para o fato de que o contrato pode durar cerca de vinte anos. Menos ainda para o cálculo simples que qualquer cidadão pode

fazer ao multiplicar as parcelas ao longo desse período, chegando a valores próximos de R\$ 20 mil, sem considerar reajustes monetários.

Mas talvez o aspecto mais interessante seja a famosa carência. Afinal, nem mesmo a morte escapa da burocracia contratual. O cliente precisa ter a gentileza de continuar vivo durante determinado período para só depois conquistar o direito de utilizar o benefício que está pagando.

Traduzindo: morrer cedo demais pode não ser uma atitude compatível com o reglamento.

Entretanto, a cereja do bolo está na própria origem do problema utilizado para promover o serviço.

A crise divulgada pela imprensa refere-se à falta de vagas destinadas aos chamados sepultamentos gratuitos, voltados exclusivamente para famílias em situação de vulnerabilidade social assistidas pelo poder público.

"O além é logo ali, após 20 anos de suaves parcelas"

Ou seja, não estamos falando de uma ausência generalizada de jazigos para toda a população da cidade. Não existe uma corrida desesperada de famílias de classe média em busca de espaço para enterrar seus entes queridos. O problema é específico, localizado e relacionado a um serviço público destinado justamente à população mais pobre.

Nesse contexto, transfor-

mar uma deficiência da assistência social em argumento comercial parece uma estratégia no mínimo questionável.

A mensagem implícita acaba sendo curiosa: apresenta-se uma crise que afeta pessoas sem condições financeiras e oferece-se como solução um produto pago durante décadas.

É como se alguém observasse uma enchente em um bairro carente e anunciasse imediatamente a venda de lanchas de luxo para os moradores.

No fim das contas, o episódio produz uma combinação perfeita entre dois velhos conhecidos do cidadão brasileiro: a incompetência pública e o oportunismo privado.

De um lado, gestores que ignoraram alertas até que os cemitérios chegassem ao limite. De outro, empresas que enxergam no medo coletivo uma excelente oportunidade para ampliar contratos.

"A morte está cara, mas o carnê precisa estar em dia"

A população, como sempre, assiste ao espetáculo. Uns descobrindo que não há vagas para os mais pobres. Outros descobrindo que até para morrer existe plano de fidelidade, prazo de carência e prestação mensal.

Em Foz do Iguaçu, pelo visto, nem o descanso eterno consegue escapar da lógica do improviso administrativo e do marketing oportunista. Afinal, quando falta planejamento em vida, sobra criatividade para faturar com a morte.

18 meses depois: Cadê o governo que foi prometido?

112 anos de Foz e 18 meses de decepção administrativa; Do quartel à Prefeitura: Quando o cronograma vira desculpa

Enrique Alliana / Jornalista

Foto: Reprodução

Nesta quarta-feira, 10 de junho de 2026, Foz do Iguaçu completa 112 anos de história. São mais de onze décadas de crescimento, desafios, conquistas e transformações. Uma cidade construída por gente trabalhadora, que acorda cedo, enfrenta filas, paga impostos e espera, em troca, o mínimo: uma administração pública eficiente.

Mas justamente no aniversário da cidade surge uma pergunta inevitável: o que a gestão do General Joaquim Silva e Luna entregou de concreto nos últimos 18 meses?

"General prometeu gestão, entregou espera e buracos"

A resposta, para muitos foziguenses, parece caber dentro de um buraco. E não faltam buracos para servir de exemplo.

Durante a campanha eleitoral, os eleitores foram apresentados a uma figura quase mitológica. Um general quatro estrelas. Ex-ministro. Ex-presidente da Itaipu. Um homem que, segundo seus apoiadores, carregava experiência administrativa suficiente para transformar Foz do Iguaçu numa referência nacional de gestão pública.

O discurso era poderoso. Afinal, quem ousaria duvidar de um militar de alta patente?

Quem ousaria questionar alguém que afirmava ter participado da construção de estradas na Amazônia e se apresentava como especialista em

infraestrutura?

O problema é que a propaganda eleitoral terminou em outubro de 2024.

A realidade começou em janeiro de 2025.

E desde então a cidade parece viver uma experiência curiosa: quanto maior foi a expectativa criada, maior tem sido a decepção observada.

"General de campanha, Prefeito de cronograma"

Passados 18 meses, a sensação é que Foz do Iguaçu não está sendo administrada por um general em campanha permanente, mas por um síndico excessivamente preocupado em seguir um cronograma enquanto o prédio pega fogo.

Aliás, poucas palavras simbolizam tão bem a atual administração quanto a palavra "cronograma".

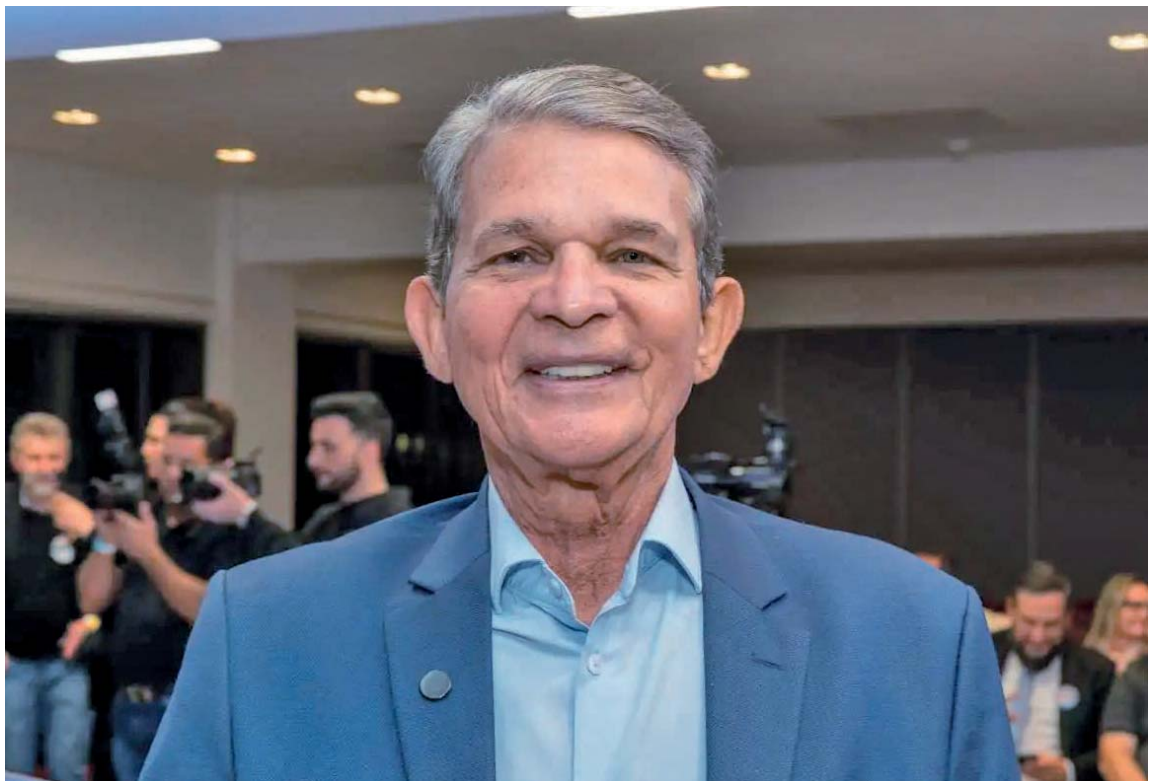
Sempre existe um cronograma. O buraco será tapado conforme o cronograma. A obra será executada conforme o cronograma. A manutenção acontecerá conforme o cronograma. O problema será resolvido conforme o cronograma.

A pergunta que o cidadão faz é simples:

E a realidade, entra em qual cronograma? Porque cidade não funciona como quartel. Cidade não obedece toque de recolher administrativo. Cidade não para, para esperar a próxima reunião.

Cidade não entra em forma para aguardar despacho burocrático.

A gestão pública exige reação imediata. Exige adaptação. Exige prioridades. Exige



Prefeito General Silva e Luna ganhou no marketing a eleição e se perdeu na gestão

liderança.

Quando aparece um buraco gigantesco numa avenida movimentada, ninguém quer ouvir que existe uma programação para os próximos meses.

Quando falta médico, o paciente não quer saber do cronograma. Quando uma empresa espera meses por um alvará, o empresário não quer saber do cronograma.

"O governo do cronograma e a cidade dos problemas reais"

Quando um cidadão espera consulta especializada durante meses, o cronograma vira apenas uma palavra bonita para justificar a demora.

A grande ironia é que o General passou boa parte da campanha transmitindo a imagem de alguém preparado para enfrentar guerras administrativas.

Mas a gestão pública não

é uma guerra convencional. Não existem mapas previsíveis. Não existem inimigos claramente identificados. Não existe linha de frente.

Todos os dias surge um novo problema. Todos os dias aparece uma nova emergência. Todos os dias surge uma nova crise.

É justamente aí que muitos observadores enxergam a principal fragilidade da atual administração.

A impressão é que a Prefeitura reage lentamente aos acontecimentos.

Enquanto a realidade corre em velocidade máxima, a gestão caminha em passo ordinário.

E a cidade percebe isso. Na saúde, as reclamações continuam. Nas ruas, os problemas continuam. Na burocracia municipal, os problemas continuam. Na mobilidade ur-

bane, os problemas continuam. Na sensação de insegurança, os problemas continuam. Na fiscalização excessiva apontada por comerciantes, os problemas continuam. Na dificuldade enfrentada por empreendedores, os problemas continuam.

"Foz esperava obras, recebeu explicações"

A impressão é que o governo completou 18 meses explicando por que as coisas não acontecem, quando deveria estar demonstrando por que elas aconteceram.

E aqui surge outra questão desconfortável.

Quais são as grandes obras efetivamente iniciadas e executadas pela atual administração?

A pergunta incomoda porque não encontra respostas fáceis.

Faltam apenas 30 meses: A longa contagem regressiva do general

Foz 112 Anos: Parabéns à cidade, paciência ao cidadão; O Governo que inaugura ontem e não constrói amanhã

Enrique Alliana / Jornalista

Foto: Reprodução

Boa parte das inaugurações realizadas até agora são heranças administrativas da gestão anterior.

Projetos concebidos anteriormente. Recursos captados anteriormente. Planejamentos iniciados anteriormente. Licitações estruturadas anteriormente.

É como receber um bolo pronto, cortar a fita inaugural e posar para a fotografia. Difícil mesmo é produzir um novo bolo.

E essa dificuldade tem ficado cada vez mais evidente. Enquanto isso, outro fenômeno político começa a acontecer.

"Saúde do antecessor: O maior feito da atual gestão?"

O fantasma do ex-prefeito Chico Brasileiro volta a circular pelas conversas de rua.

E isso deveria acender um alerta vermelho dentro da Prefeitura.

Porque poucos meses atrás parecia impossível imaginar que parte da população começaria a dizer:

"Na época do Chico era melhor."

Mas está acontecendo.

Não necessariamente porque o governo anterior tenha sido perfeito. Longe disso.

Mas porque o atual governo parece incapaz de demonstrar que representa uma evolução.

Na política existe uma regra cruel.

Quando o sucessor de-



cepçiona, o antecessor melhora automaticamente na memória popular. E o General Silva e Luna parece estar realizando esse milagre político diariamente.

Transformar Chico Brasileiro em saudade.

"A contagem regressiva do Governo Silva e Luna"

Outro exemplo frequentemente citado está relacionado à área da segurança pública.

Durante a administração passada, em meio a dificuldades e limitações conhecidas, houve avanços importantes em estrutura.

Já na atual gestão, muitos questionam a capacidade de articulação política de determinadas secretarias.

A pergunta ecoa nos bastidores: Onde estão os resultados? Onde estão os investimentos? Onde estão as conquistas administrativas capazes de justificar o discurso de eficiência que foi vendido na campanha?

A resposta continua perdi-

da em algum relatório, provavelmente seguindo o cronograma.

Mas talvez a questão mais profunda não esteja nas obras. Nem na saúde. Nem na burocracia. Nem na segurança. Talvez esteja no pertencimento.

Uma parcela significativa da população vê o General Silva e Luna como alguém que chegou a Foz do Iguaçu pelas circunstâncias da política.

"O paraquedista da Prefeitura e a cidade sem legado"

Um gestor de passagem. Um administrador temporário. Um paraquedista político. A comparação pode parecer dura, mas encontra respaldo no sentimento popular.

Afinal, quando terminar o mandato, qual será o destino do General? Permanecerá em Foz? Construirá sua vida na cidade? Ou seguirá para junto de sua família em outro local?

A dúvida gera uma percepção difícil de combater.

Quem pretende ficar costuma pensar em legado. Quem está de passagem costuma pensar apenas em concluir a missão.

E cidades não precisam de missões temporárias. Precisam de projetos duradouros. Precisam de visão de futuro. Precisam de gestores comprometidos com as próximas décadas.

"30 meses para acabar: A esperança do vice e de muitos eleitores"

Por fim, existe o caso do vice-prefeito Ricardo Nascimento. Figura que parece ocupar uma das posições mais ingratas da política local.

O vice vive hoje numa espécie de sala de espera institucional. Nem protagonista. Nem oposição. Nem situação. Nem alternativa. Apenas expectativa.

Enquanto isso, a administração acumula desgaste. E o desgaste do prefeito inevitavelmente contamina quem está ao seu lado.

A verdade é que o relógio não para. Dezoito meses já passaram. Trinta meses res-

tam. Pode parecer muito tempo.

Mas para quem ainda precisa apresentar resultados consistentes, é quase um piscar de olhos.

"Quanto falta para acabar? Foz já faz essa conta"

Principalmente porque a população já começou a fazer a sua própria contagem regressiva. Não a contagem para inaugurações. Não a contagem para obras. Não a contagem para promessas.

Mas a contagem para o fim do mandato.

E talvez esse seja o retrato mais preocupante para qualquer governante.

Quando a população deixa de perguntar o que será feito amanhã e passa a perguntar apenas quanto tempo falta para acabar.

"18 meses depois, a pergunta continua: cadê a gestão?"

Se os primeiros 18 meses serviram para destruir expectativas, os próximos 30 dirão se ainda existe tempo para reconstruí-las.

Pelo humor das ruas, pelo tom das críticas e pela crescente frustração de quem acreditou no discurso da campanha, o General está descobrindo uma verdade que nenhum treinamento militar ensina:

Governar uma cidade é muito mais difícil do que vencer uma eleição.

E, até agora, a guerra da gestão parece estar sendo perdida batalha após batalha.

Haralan Mucelini poderá ser a pedra no coturno do General Silva e Luna

Nova gestão do Observatório Social recoloca transporte coletivo e saúde no centro do debate sobre gestão pública em Foz do Iguaçu

Enrique Alliana / Jornalista

Foto: Reprodução

A eleição do administrador Haralan Mucelini para a presidência do Observatório Social do Brasil em Foz do Iguaçu (OSB-FI), para o biênio 2026-2028, promete ampliar o escrutínio sobre duas das áreas mais sensíveis da administração municipal: transporte coletivo e saúde pública.

A escolha ocorreu por unanimidade entre representantes das instituições e empresas mantenedoras da entidade. Ao assumir o cargo, Haralan sinalizou que o Observatório manterá atenção permanente sobre contratos públicos, licitações e aplicação de recursos, especialmente em setores que acumulam reclamações da população.

A mudança de comando acontece em um momento delicado para a administração do prefeito Joaquim Silva e Luna. Embora a atual gestão tenha

assumido com o discurso de eficiência administrativa, transparência e capacidade técnica, os desafios enfrentados nos serviços públicos continuam alimentando questionamentos de diferentes segmentos da sociedade.

Fiscalização mais intensa

Ao destacar o transporte coletivo como uma das prioridades da nova gestão do Observatório, Haralan apontou preocupações relacionadas ao futuro modelo licitatório do serviço. Segundo ele, decisões tomadas ao longo dos últimos anos continuam produzindo impactos financeiros e operacionais.

O alerta sobre contratos considerados questionáveis reforça uma preocupação recorrente da entidade: evitar que o município assuma compromissos de longo prazo que possam resultar em custos ele-



Haralan Mucelini assumiu a presidência do Observatório Social para o biênio 2026-2028

vados para os cofres públicos e baixa qualidade na prestação dos serviços.

O tema não é novo. Nos últimos anos, o transporte coletivo transformou-se em uma das principais dores de cabeça da administração municipal. Problemas operacionais, discussões sobre subsídios, renova-

ção de contratos e dificuldades na prestação do serviço frequentemente ocuparam espaço no debate público.

Promessas e expectativas

Durante o período eleitoral, o discurso predominante era o de que a experiência administrativa e o perfil técnico da gestão permitiriam superar gargalos históricos da cidade.

Entretanto, a permanência de problemas estruturais em áreas estratégicas tem levado parte da população e entidades de controle social a cobrar resultados mais concretos.

Nesse contexto, a atuação do Observatório Social ganha relevância por funcionar como um mecanismo independente de acompanhamento dos gastos públicos.

Controle Social em evidência

Ao defender maior participação popular, Haralan utilizou um argumento que chama atenção: segundo estudos citados pela entidade, a arrecada-

ção municipal teria crescido em ritmo superior à inflação nos últimos anos, enquanto a percepção de qualidade dos serviços públicos não acompanharia essa evolução.

A observação reforça uma pergunta cada vez mais presente no debate local: se a arrecadação aumenta, por que a população continua apontando dificuldades em áreas consideradas essenciais?

A resposta certamente não será encontrada em discursos políticos ou campanhas eleitorais. É justamente nesse espaço que entidades de controle social pretendem atuar, cobrando dados, transparência e resultados mensuráveis.

Com uma nova diretoria e metas definidas, o Observatório Social inicia um ciclo que promete ampliar o monitoramento da máquina pública. Para a administração municipal, isso significa conviver com uma fiscalização ainda mais atenta. Para os contribuintes, representa a expectativa de que cada real arrecadado seja acompanhado com mais rigor.



General Joaquim Silva e Luna prometeu tudo durante as eleições e até agora não entregou nada durante a sua gestão

Saúde pública entra na mira do Observatório e reacende debate sobre gestão municipal

Entidade pretende revisar modelo de gestão plena enquanto cobranças por eficiência continuam crescendo

Enrique Alliana / Jornalista

Foto: Reprodução

A nova diretoria do Observatório Social de Foz do Iguaçu inicia sua gestão colocando a saúde pública no centro das atenções. O anúncio feito pelo presidente eleito, Haralan Mucelini, reacende um debate que acompanha o município há duas décadas: a sustentabilidade financeira e operacional do modelo de gestão plena da saúde.

Segundo Haralan, a responsabilidade assumida por Foz do Iguaçu ao longo dos anos tornou-se uma das mais complexas entre os municípios brasileiros. A avaliação é de que o modelo precisa ser revisitado para evitar o agravamento dos déficits e seus reflexos diretos na qualidade do atendimento prestado à população.

O posicionamento surge em um cenário marcado por cobranças frequentes sobre filas, dificuldades de atendimento, custos operacionais e necessidade constante de aportes financeiros.

Herança ou gestão?

A discussão levanta uma questão recorrente na política local: até que ponto os problemas atuais são consequência de decisões históricas e até que ponto decorrem das escolhas realizadas pelas administrações mais recentes?

A resposta não é simples.

Governos costumam atribuir dificuldades a heranças recebidas. Já opositores argumentam que o tempo de



Nova diretoria do Observatório Social de Foz do Iguaçu promete colocar a saúde pública no centro das atenções

gestão deveria ser suficiente para produzir mudanças perceptíveis.

Enquanto esse debate segue aberto, os indicadores de eficiência, transparência e qualidade dos serviços tornam-se elementos cada vez mais importantes para a avaliação da administração pública.

O papel do Observatório

Durante a prestação de contas da gestão anterior, o ex-presidente Jaime Nascimento destacou que o Observatório participou de discussões envolvendo saúde, transporte e contratos públicos considerados estratégicos para o município.

Segundo ele, a entidade antecipou preocupações sobre temas que posteriormente geraram controvérsias, incluindo questões ligadas ao transporte coletivo e à gestão do Hospital Municipal.

A atuação permanente do Observatório demonstra que

o controle social deixou de ser uma atividade restrita a órgãos oficiais de fiscalização e passou a contar também com a participação organizada da sociedade civil.

Transparência como desafio

A conquista de reconhecimento nacional na área de transparência, obtida pelo Observatório em 2025, fortalece o papel da entidade como fiscal independente das ações governamentais.

Isso significa que temas relacionados à contratação de serviços, execução orçamentária, planejamento de grandes eventos e aplicação de

recursos públicos continuarão sob acompanhamento constante.

Para qualquer governo, a existência de fiscalização ativa pode representar desconforto político. Para a população, porém, tende a ser vista como uma ferramenta de proteção do interesse coletivo.

Uma nova etapa

A eleição de Haralan Mucelini ocorre em um momento em que cresce a cobrança por resultados concretos em áreas essenciais da administração pública.

Mais do que discursos, a população espera respostas para problemas que afetam

diretamente o cotidiano dos moradores.

A nova gestão do Observatório Social promete acompanhar justamente esses pontos sensíveis. Se conseguirá provocar mudanças efetivas ou apenas ampliar o debate público é algo que será observado nos próximos anos.

O fato é que a presença de uma entidade organizada, técnica e independente amplia a pressão por transparência e eficiência. Em uma cidade onde os desafios da saúde e do transporte continuam presentes, a fiscalização social tende a ganhar protagonismo cada vez maior.

Diretoria do Observatório Social - gestão 2026-2028

Presidente: Haralan Mucelini

Vice-presidente para Assuntos Administrativos e Financeiros: João Carlos Zanatta

Vice-presidente para Assuntos Institucionais e de Alianças: Leonor Venson

Vice-presidente para Assuntos de Produtos e Metodologia: Marco Aurélio Escobar

Vice-presidente para Assuntos de Controle Social: Marco César Castella

Conselho Fiscal: Elias João Dandolini e Maria Goreti de Azevedo (titulares) e Rosemere Kiyomi Hayashi (suplente)

O PROFESSOR DO FRACASSO

Adnan El Sayed convoca especialista em não federalizar Hospital Municipal

O passado sem resultados dando conselhos ao presente; Bobato teria ensinado os segredos do projeto que não saiu?

Enrique Alliana / Jornalista

Foto: Reprodução

Em Foz do Iguaçu, a política parece determinada a desafiar qualquer noção de lógica. Quando o assunto é a tão falada federalização do Hospital Municipal Padre Germano Lauck, a Câmara de Vereadores conseguiu protagonizar mais um daqueles episódios que deixam o cidadão sem saber se ri, chora ou simplesmente desliga o celular para preservar a própria sanidade.

"Bobato dá aula sobre federalização que não fez em oito anos"

Uma reunião da Comissão de Saúde realizada no início de junho, o vereador Adnan El Sayed decidiu convidar justamente Nilton Bobato para esclarecer dúvidas sobre a federalização do hospital. Até aí, nada demais, não fosse um pequeno detalhe que passa longe de ser irrelevante: Bobato integrou a administração municipal durante oito anos e

o processo de federalização continuou exatamente onde estava quando a gestão terminou, no campo das promessas.

É como chamar o técnico do time rebaixado para ministrar uma palestra sobre conquistas internacionais. Ou convidar o capitão do navio que afundou para ensinar técnicas avançadas de navegação, ou até chamar um professor que conseguiu que toda a classe fosse reprovada. A escolha possui uma lógica tão peculiar que talvez merecesse um estudo acadêmico.

"Câmara recebe mestre na arte de deixar para depois"

A população, que acompanha há anos a novela da federalização, provavelmente imaginava ouvir especialistas em gestão hospitalar, representantes do governo federal ou técnicos envolvidos em processos semelhantes pelo país. Mas não. A opção foi recorrer a um dos protagonistas de um período em que o



objetivo permaneceu distante da realidade.

A situação ganha contornos ainda mais curiosos porque a federalização do Hospital Municipal sempre foi apresentada como uma grande meta administrativa. Durante anos, discursos foram feitos, entrevistas concedidas e expectativas criadas. No entanto, ao final do ciclo político, a transformação continuou sendo mais uma promessa do que uma realização concreta.

"O curso intensivo do atraso chegou à Câmara de Foz"

E então surge a pergunta inevitável: qual foi exatamente o propósito da reunião?

Se o objetivo era buscar respostas sobre o que impediu o avanço do processo durante tantos anos, seria compreensível. Afinal, conhecer erros do passado pode evitar que eles se repitam. Mas se a intenção era apresentar um modelo de sucesso, a escolha parece tão adequada quanto contratar um guia turístico que nunca en-

controu o destino.

Enquanto isso, o cidadão comum continua assistindo ao espetáculo. De um lado, políticos explicando por que algo não aconteceu. De outro, políticos explicando por que ainda não aconteceu. No meio, pacientes, profissionais da saúde e contribuintes aguardando que alguém finalmente apresente resultados em vez de versões.

"O fracasso agora dá consultoria na Câmara"

A ironia maior é que a política brasileira frequentemente transforma ausência de resultados em credencial de especialista. Quem não resolveu o problema passa a explicar o problema. Quem não concluiu a obra vira consultor da obra. Quem não entregou o projeto assume o papel de autoridade sobre o projeto.

Talvez seja essa a verdadeira federalização que está ocorrendo: a federalização da responsabilidade. Ninguém resolve, mas todos explicam. Ninguém entrega, mas todos discursam. Ninguém conclui, mas sempre existe uma reu-

nião para discutir por que a conclusão ainda não chegou.

"A federalização sumiu, mas o palestrante apareceu"

E assim Foz do Iguaçu segue sua caminhada política particular, onde o passado é convidado para ensinar o futuro e onde o fracasso, aparentemente, pode se transformar em currículo.

O hospital continua esperando. A população continua esperando. E a federalização continua ocupando aquele lugar confortável da política nacional: o território das promessas eternamente em construção.

"Federalização ou teatro? Vereador Adnan El Sayed que escolhe os atores?"

O que não pode cair no esquecimento que o ex-prefeito e ex-secretário de Saúde Nilton Bobato, quando passou pela Administração Municipal era taxado como o "Carrasco do Servidor", e agora encostado em um belo cargo na Itaipu Binacional.



Da Casa Branca para o Instagram: A diplomacia Fake chega a Foz do Iguaçu

Casa Branca no fundo, transparência fora de foco; Curtidas internacionais, respostas municipais



Enrique Alliana / Jornalista
Foto: Reprodução

Em tempos de redes sociais, parece que a política descobriu uma nova modalidade de gestão pública: a administração fake por fotografia. E foi justamente nesse espírito que o vereador Xiita, aparentemente ligado ao Hezbollah, Adnan El Sayed chamou atenção ao publicar uma imagem dentro da Casa Branca, nos Estados Unidos.

"O vereador exportou a foto e importou questionamentos"

A cena é digna de roteiro cinematográfico. Enquanto brasileiros acompanham notícias sobre possíveis impactos

econômicos nas relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, surge nas redes a tradicional foto internacional que, na prática, levanta uma dúvida simples: o que realmente o vereador faz por Foz do Iguaçu e o que exatamente Foz do Iguaçu ganhou com a publicação fake?

"Em busca da foto fake perfeita e do resultado desaparecido"

Porque uma fotografia fake pode render curtidas, comentários e compartilhamentos. Pode até passar uma impressão de pseudoinfluência global. O problema é quando o álbum de viagem fake cresce mais rápido do que a lista de resultados concretos.

A política moderna parece cada vez mais fascinada pela estética do poder. Enquanto isso, o eleitor, sujeito pouco sensível ao glamour das redes sociais, continua fazendo perguntas inconvenientes. O que se aproveitou de tudo isso?

Outro aspecto que desperta comentários nos bastidores é a velocidade com que alguns políticos transitam entre grupos, alianças e projetos. Em certos casos, a fidelidade partidária parece seguir a mesma lógica das atualizações de aplicativo: sempre existe uma nova versão disponível.

O resultado é que a população acaba assistindo a um espetáculo curioso. De um

lado, discursos grandiosos sobre compromisso com a cidade. De outro, movimentos políticos que deixam muitos eleitores tentando entender qual é o roteiro da semana.

"Foto fake sem fronteiras, resultados sem endereço"

A foto fake dentro da Casa Branca talvez represente perfeitamente a política contemporânea: muita imagem, muito enquadramento, muito filtro e pouca informação sobre os resultados. Porque curtidas não pavimentam ruas, hashtags não reduzem filas nos postos de saúde e foto fake mais bem produzidas que sejam, continuam incapazes

de substituir resultados.

Uma coisa é certa. O vereador é um verdadeiro fake news político e oportunista. Se elegeu pelo PSD de Ratinho Junior e pasmem, foi só seu assessor ser nomeado com ótimo salário na Itaipu Binacional, que abandonou "ratinho" e se bandeou para o grupo do PT, inclusive teria declarado para muitas pessoas seu apoio para Mario Verri, pré-candidato a Deputado Estadual pela cidade de Maringá/PR.

Um vereador de Foz do Iguaçu, aparentemente ligado ao Hezbollah, estaria apoiando um paraquedista de fora da cidade? Esse é o vereador que realmente defende a cidade?

Quando a propaganda encontra a realidade dos corredores lotados

Da assessoria

Foto: Reprodução

Existe uma diferença enorme entre aquilo que é dito nas coletivas de imprensa e aquilo que acontece dentro de um hospital. Em Foz do Iguaçu, essa diferença parece estar se transformando em um abismo.

Enquanto autoridades insistem em repetir que a situação está sob controle, trabalhadores do Hospital Municipal descrevem um cenário que lembra muito mais uma operação de guerra permanente do que uma estrutura de saúde funcionando normalmente. Afinal, quando uma unidade opera com taxa de ocupação de 125%, estamos falando de qualquer coisa, menos de normalidade.

A matemática é simples. Um hospital foi projetado para funcionar dentro de uma determinada capacidade. Quando essa capacidade é ultrapassada em 25%, não estamos diante de uma pequena oscilação estatística. Estamos diante de um sistema trabalhando acima do limite, sustentado exclusivamente pelo esforço sobre-humano de profissionais que já não sabem mais de onde tirar forças.

Mas talvez a gestão pública tenha descoberto uma nova fórmula administrativa. Uma espécie de milagre burocrático onde três técnicos de enfermagem conseguem atender quarenta pacientes simultaneamente sem que isso gere consequências. Se for esse o caso, seria interessante compartilhar a descoberta com o restante do planeta, pois até hoje nenhum país conseguiu desafiar as leis da física, do tempo e da capacidade humana com tamanho sucesso.

A realidade, porém, é bem menos fantasiosa

São esses profissionais que precisam administrar medicamentos, realizar curativos, aferir sinais vitais, auxiliar na alimentação, atender emergências, realizar higienização, transportar pacientes e ainda prestar informações aos familiares. Tudo isso em um ambiente onde cada minuto conta e onde um simples atraso pode significar sofrimento adicional para quem já está fragilizado pela doença.

O paciente virou estatística

O mais preocupante é que, quando a estrutura entra em colapso, o prejuízo não fica restrito aos trabalhadores.

Quem paga a conta também é o paciente.

Não existe atendimento humanizado quando um profissional precisa correr de um leito para outro sem sequer conseguir concluir adequadamente uma tarefa antes de iniciar a próxima. Não existe acolhimento quando a equipe está exausta. Não existe excelência quando o improviso passa a ser a principal ferramenta de gestão.

O discurso oficial pode até tentar maquiagem os números, mas os corredores lotados não mentem. Os leitos ocupados acima da capacidade não mentem. Os profissionais sobrecarregados não mentem.

A única coisa que parece continuar funcionando plenamente é a produção de justificativas.

A cultura do remendo permanente

Outro aspecto preocupante é a dependência crescente das contratações temporárias



as por Processo Seletivo Simplificado.

Na prática, a gestão parece tratar um problema estrutural como se fosse uma emergência passageira.

Mas a falta de profissionais não surgiu ontem. A sobrecarga das equipes não é novidade. O crescimento da demanda também não.

Ainda assim, em vez de investir na ampliação definitiva dos quadros funcionais, aposta-se em medidas temporárias para resolver problemas permanentes. É como tentar conter uma enchente utilizando baldes enquanto se ignora o rompimento da barragem.

O resultado é previsível: alta rotatividade, insegurança profissional, perda de experiência acumulada e dificuldade para consolidar equipes estáveis.

Quem cuida também está adoecendo

Existe ainda uma dimensão que raramente aparece nos relatórios oficiais: a saúde mental dos trabalhadores.

Por trás dos jalecos existem seres humanos.

Profissionais que convivem diariamente com sofrimento, dor, urgências e mortes. Profissionais que chegam ao final do plantão física e emocionalmente exaustos. Profissionais que carregam a sensação permanente de que poderiam oferecer um atendimento melhor se tivessem as condições mínimas para isso.

Ansiedade, estresse crônico, esgotamento emocional e síndrome de burnout deixaram de ser exceções para se tornarem consequências previsíveis de um ambiente que opera continuamente sob pressão extrema.

E o mais grave é que muitos desses trabalhadores permanecem em silêncio por medo de represálias ou pela simples sensação de que ninguém está disposto a ouvir.

A verdade não cabe em notas oficiais

Nenhuma nota oficial consegue esconder uma ocupação de 125%.

Nenhum discurso consegue apagar a realidade enfrentada diariamente por profissionais que precisam fazer o trabalho de duas ou três equipes ao mesmo tempo.

O Hospital Municipal continua funcionando, é verdade. Mas não porque o sistema esteja equilibrado. Continua funcionando graças ao comprometimento de trabalhadores que diariamente compensam com dedicação aquilo que falta em planejamento, investimento e gestão.

A população de Foz do Iguaçu merece transparência. Os pacientes merecem segurança. Os profissionais merecem respeito.

Porque quando um hospital ultrapassa seus limites operacionais, não é apenas a estrutura que entra em risco. É a qualidade do atendimento, a segurança dos pacientes e a saúde de quem dedica a vida a cuidar dos outros.

E ignorar essa realidade não resolve o problema. Apenas adia o momento em que a conta chegará para todos.

O último refúgio de uma rede que aprendeu a transferir responsabilidades

Da assessoria

Foto: Reprodução

Existe uma curiosa lógica na saúde pública de Foz do Iguaçu. Quando uma consulta é realizada, quando um exame é agendado ou quando algum atendimento especializado acontece dentro da normalidade, os resultados são comemorados, divulgados e transformados em peças de marketing institucional.

"Hospital Municipal: O lixão das incompetências oficiais"

Mas quando a situação se complica, quando o paciente precisa de internação, quando surge uma emergência grave ou quando a vida passa a depender de uma estrutura hospitalar robusta, todos os caminhos levam para o mesmo lugar: o Hospital Municipal.

O Hospital Municipal transformou-se, ao longo dos anos, no verdadeiro para-raios de todas as deficiências da rede. É para lá que seguem os pacientes regulados, os casos mais graves, as transferências de outras unidades, as complicações médicas e as situações que exigem profissionais especializados, equipamentos de alta complexidade e capacidade de resposta imediata.

Em outras palavras, quando a saúde pública entra na fase mais delicada, é o Hospital Municipal que assume a responsabilidade.

O problema é que a responsabilidade cresce em velocidade muito superior aos investimentos.

A impressão que fica é que a rede inteira encontrou uma forma confortável de funcionar: distribuir atendimentos,



encaminhar demandas e, diante das dificuldades, direcionar tudo para o hospital. O Municipal tornou-se o destino final de problemas que começam em vários pontos do sistema, mas que acabam concentrados em um único lugar.

Naturalmente, a conta chega.

E ela chega diariamente na forma de corredores lotados, profissionais sobrecarregados, leitos ocupados além da capacidade e equipes que precisam fazer verdadeiros malabarismos para manter o atendimento funcionando.

"Terceirizar é fácil. Difícil é internar o paciente"

Enquanto milhões de reais circulam em contratos, terceirizações, consultorias e estruturas paralelas, a principal retaguarda da saúde pública continua convivendo com a falta de profissionais, carência de investimentos estruturais e uma demanda que não para de crescer.

É como se alguém decidis-

se construir uma cidade inteira e esquecesse de reforçar as fundações.

O mais curioso é observar como a gestão pública frequentemente tenta enfrentar esse problema. Em vez de atacar as causas, prefere-se investir na aparência.

Pinturas novas surgem nas paredes. Fachadas recebem melhorias estéticas. Vídeos institucionais são produzidos. Publicações otimistas ocupam as redes sociais. Discursos celebram avanços administrativos.

Tudo muito bonito para quem observa de fora.

Mas quem trabalha dentro do hospital sabe que tinta não reduz fila de espera.

Campanhas publicitárias não contratam enfermeiros.

Vídeos promocionais não ampliam equipes.

Postagens institucionais não criam leitos.

A realidade permanece intacta atrás da maquiagem.

Os corredores continuam cheios. As escalas continuam apertadas. Os trabalhadores

continuam absorvendo uma pressão cada vez maior. E os pacientes continuam aguardando que o sistema ofereça a assistência que lhes foi prometida.

Outro sintoma preocupante dessa realidade aparece no crescimento das ações trabalhistas e dos conflitos relacionados às condições de trabalho.

São processos que custam recursos públicos, desgastam profissionais e expõem falhas que poderiam ser evitadas com planejamento adequado. Em muitos casos, o que chega ao Judiciário não é apenas uma disputa trabalhista, mas o reflexo de uma gestão incapaz de resolver problemas básicos de organização, valorização profissional e diálogo interno.

O mais impressionante é que os gestores passam.

Mudam os discursos. Mudam os cargos. Mudam os responsáveis pelas entrevistas e pelas fotografias oficiais.

Mas os problemas permanecem.

A superlotação permanece.

A falta de pessoal permanece.

As dificuldades estruturais permanecem.

E raramente alguém é responsabilizado pelos erros que ajudaram a construir esse cenário.

Enquanto isso, quem permanece enfrentando as consequências são os trabalhadores da linha de frente e os pacientes que dependem do sistema público de saúde.

O Hospital Municipal não precisa de slogans. Não precisa de campanhas de marketing. Não precisa de narrativas cuidadosamente produzidas para transmitir uma sensação de normalidade.

Precisa de prioridade.

Precisa de planejamento de longo prazo.

Precisa de investimentos proporcionais à responsabilidade que carrega.

Precisa de profissionais suficientes para atender uma demanda cada vez maior.

"O SUS agradece. O Hospital Municipal sofre"

E, acima de tudo, precisa ser tratado como aquilo que realmente representa para Foz do Iguaçu e toda a região: o último refúgio de uma rede que, diante das dificuldades, aprendeu a transferir responsabilidades.

Porque quando tudo falha, quando a situação se agrava e quando a urgência bate à porta, é para o Hospital Municipal que todos correm.

A pergunta que continua sem resposta é simples:

Se todos olham para o Hospital Municipal nos momentos de crise, quem está olhando pelo Hospital Municipal?

POLÍTICA

QUANDO A REALIDADE FALHA

Ver. Ranieri diz "a saúde de Foz melhorou muito". Afinal estão mentindo para ele, ou ele está mentindo para a população?

"Entre as filas e a fantasia, o vereador Ranieri escolheu a fantasia"

Enrique Alliana / Jornalista

Foto: Reprodução

A saúde melhorou? Só se foi dentro da bolha. Existe um velho ditado que diz que uma mentira contada muitas vezes acaba parecendo verdade. Em Foz do Iguaçu, aparentemente resolveram testar essa teoria na prática. O experimento mais recente veio pelas palavras do vereador Ranieri Marchiorro, líder do prefeito na Câmara, ao afirmar que "a saúde de Foz melhorou muito".

"Ver. Ranieri descobriu a saúde perfeita: Pena que ela não existe em Foz"

A declaração é tão surpreendente que merece uma investigação própria. Afinal, estão mentindo para o vereador ou o vereador está mentindo para a população?

Porque, convenhamos, basta conversar com qualquer cidadão que dependa do SUS municipal para descobrir que a realidade parece morar em outro planeta. Talvez exista uma Foz do Iguaçu paralela, uma cidade secreta onde não existem filas nas unidades de saúde, onde consultas são marcadas em poucos dias, exames não ficam meses aguardando análise e médicos aparecem quando são necessários. Se essa cidade existe, certamente não é a mesma onde vivem os contribuintes que pagam impostos todos os meses.

"Entre filas e promessas, Ranieri jura que a saúde está melhor"

Enquanto o vereador celebra uma suposta evolução



histórica da saúde pública, o cidadão comum continua enfrentando filas intermináveis nos postos de saúde, aguardando meses por consultas e peregrinando entre UPAs e unidades básicas na esperança de conseguir atendimento. Para muitos pacientes, conseguir uma consulta com clínico geral para apenas analisar um exame já pronto virou uma verdadeira prova de resistência.

Mas talvez o problema esteja na definição da palavra "melhorou". Quem sabe a

régua utilizada pela administração tenha sido colocada tão baixa que qualquer coisa acima do caos absoluto já seja considerada um sucesso extraordinário.

O mais curioso é que o próprio grupo político que prometia gestão eficiente, disciplina militar e organização administrativa agora parece administrar uma fábrica de justificativas. Durante a campanha eleitoral, venderam a imagem de que bastava colocar um general no comando da prefeitura para que todos

os problemas fossem resolvidos. O discurso era de competência, planejamento e execução.

A realidade, porém, resolveu não colaborar com o marketing.

Passados quase dois anos de mandato, a população continua esperando diversas promessas saírem do papel. O exemplo mais emblemático talvez seja o famoso trevo do CTG Charrua. O prefeito foi à televisão anunciar que a obra estaria pronta em oito meses. Oito meses viraram um ano. Depois quase dois. E a única coisa que avançou foi o calendário.

Enquanto isso, a saúde segue servindo como termômetro da insatisfação popular. Não por acaso, é uma das áreas mais criticadas pelos moradores. Mas aparentemente essa percepção não chegou a determinados gabinetes.

"O paciente espera atendimento; Ranieri espera que acreditem nele"

Talvez porque algumas autoridades estejam vivendo dentro de uma confortável bolha política, cercadas por relatórios otimistas, apresentações coloridas e discursos cuidadosamente preparados. Dentro dessa bolha tudo funciona. Os números são maravilhosos. Os indicadores são excelentes. Os resultados são espetaculares.

O problema é que fora dela existe a população.

E a população não se consulta em planilhas.

A população não recebe

atendimento em PowerPoint.

A população não melhora de uma doença através de discursos.

Diante disso, surge uma pergunta inevitável: se a saúde realmente melhorou tanto, por que os usuários continuam reclamando diariamente?

Talvez o vereador esteja sendo mal informado. Talvez esteja acreditando fielmente nos relatórios que recebe. Ou talvez esteja apenas desempenhando o papel esperado de um líder governista: defender a administração independentemente da realidade encontrada pelos moradores.

E é justamente aí que mora a ironia da situação.

Quando o cidadão reclama, dizem que é exagero.

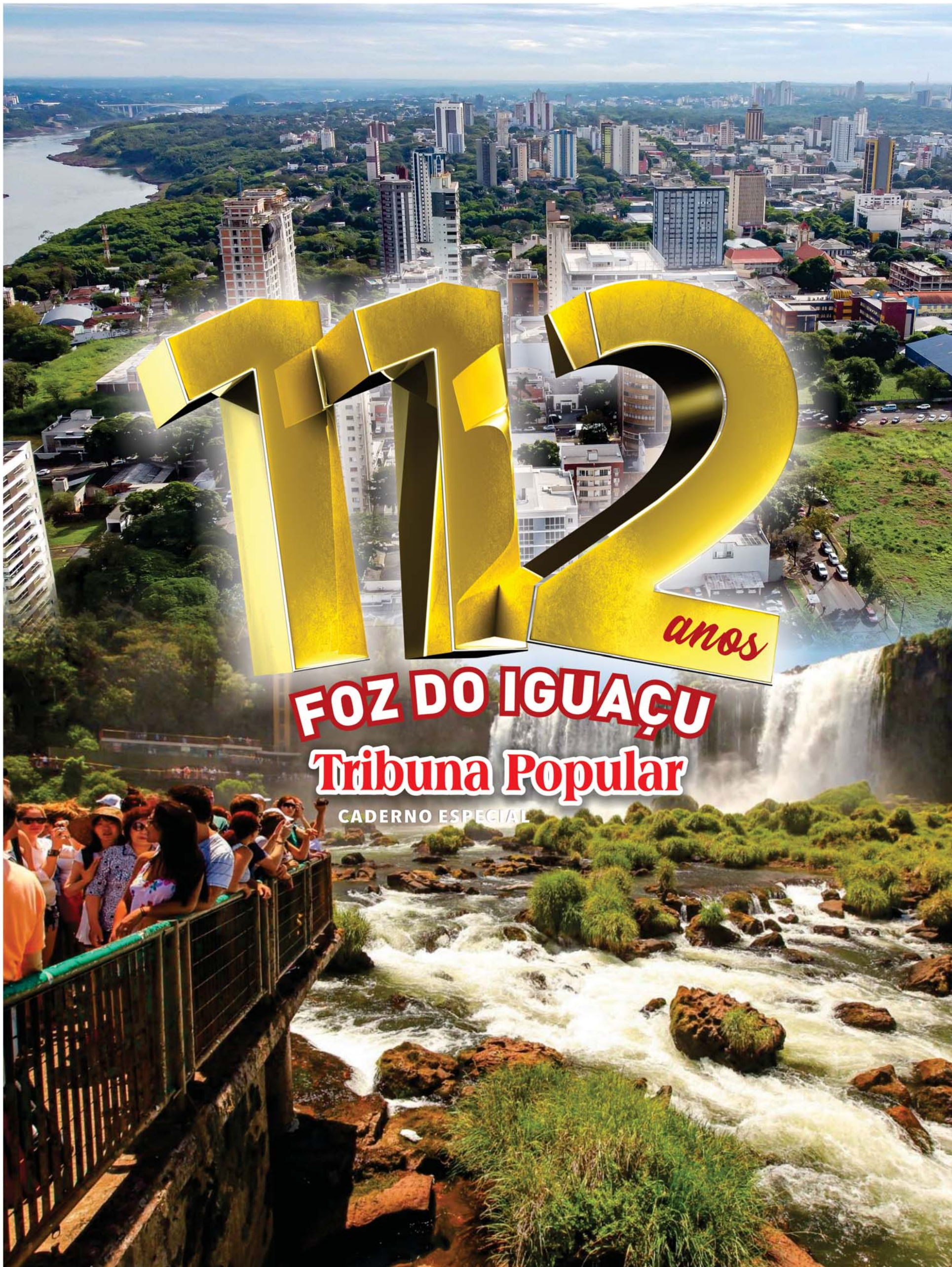
Quando a imprensa denuncia, dizem que é perseguição.

Quando os pacientes protestam, dizem que é politicagem.

"Na cidade das filas infinitas, a saúde virou motivo de piada"

Mas quando um vereador afirma que a saúde melhorou muito, espera-se que todos simplesmente acreditem. No fim das contas, a verdadeira avaliação não está nos discursos oficiais nem nas sessões da Câmara. Ela está nas filas dos postos de saúde, nas salas de espera das UPAs e na paciência cada vez mais curta de quem continua aguardando atendimento.

Porque, por mais poderosa que seja uma bolha política, ela nunca consegue esconder a realidade de quem está do lado de fora.



112
anos

FOZ DO IGUAÇU
Tribuna Popular
CADERNO ESPECIAL



PROGRAMA

PARANÁ

da gente!

10 de junho

FELIZ ANIVERSÁRIO
FOZ DO IGUAÇU



REDE MASSA



DEOCLECIO DUARTE ✓

@deoclecioduarte.oficial

Parabéns

FOZ

PELOS SEUS 112 ANOS



*Anice
Gazzaroni
Vereadora*



Progressistas
Oportunidades para todos

Foz do Iguaçu



Parabéns

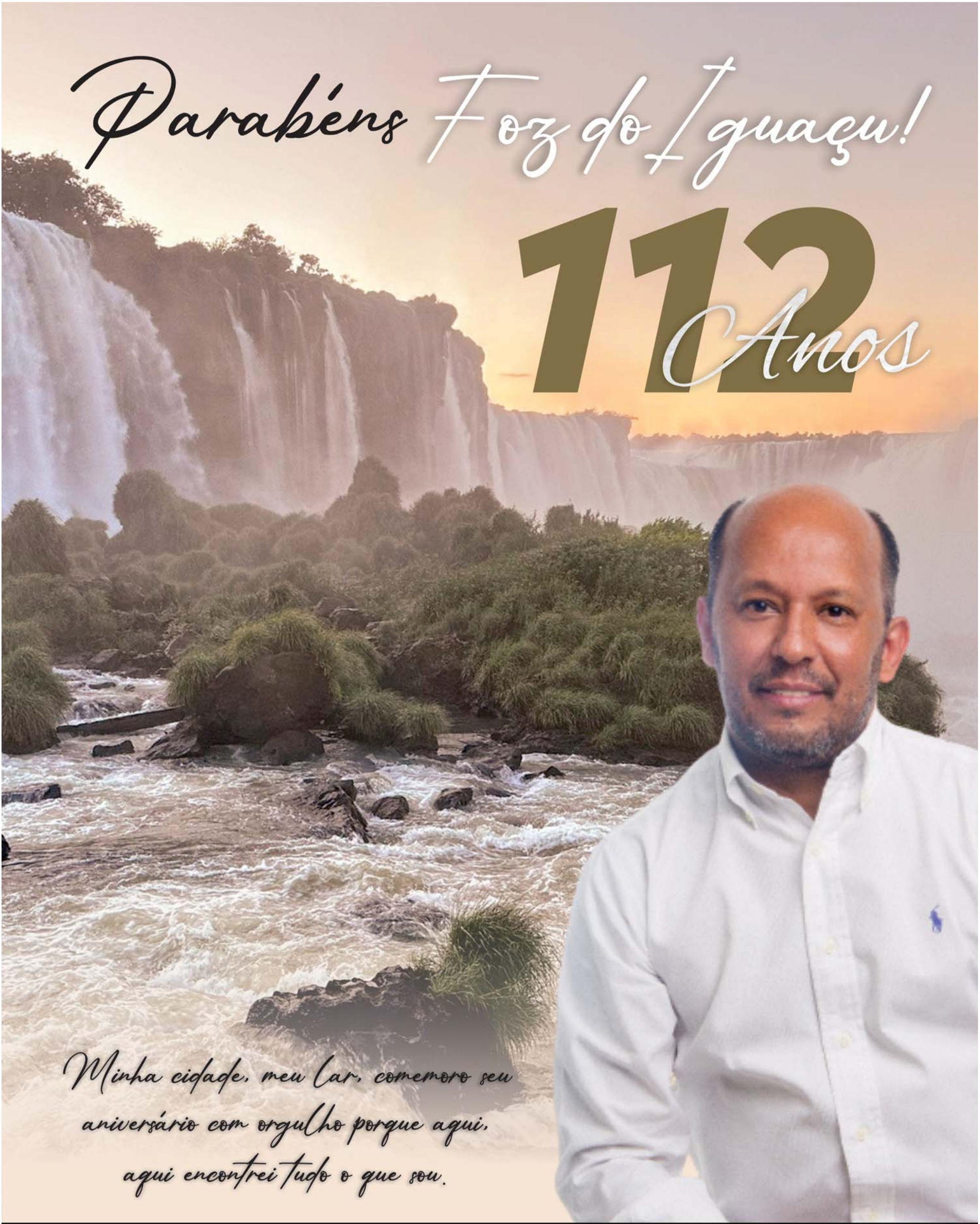
Foz do Iguaçu completa 112 anos com a força de um povo que constrói o futuro com trabalho, respeito e amor pela nossa terra. Parabéns, Foz, por cada conquista e por ser motivo de tanto orgulho!



CHICO
BRASILEIRO

Parabéns Foz do Iguaçu!

112
Anos



*Minha cidade, meu lar, comemoro seu
aniversário com orgulho porque aqui,
aqui encontrei tudo o que sou.*



Marcelinho
oura



PARABÉNS
FOZ
112
ANOS

kero japa
EXPRESS

99942-7661 @kerojapaexpress



Parabéns
FOZ DO IGUAÇU
112 anos

São os votos da

NEY PATRÍCIO

M Tec
Assessoria Contábil

Rua Rui Barbosa, 820 Sobreloja 10,
Edifício Foz Executive Center - Centro
Foz do Iguaçu - PR
Telefone: (45) 3523-1131 | 9.9971-0106

Foz do Iguaçu

PARABÉNS PELOS

112 anos



www.clinicadevacina.com



**NÃO É À TOA QUE A MAIOR
CLÍNICA DE VACINAS DO SUL
DO BRASIL, TEM O ORGULHO
DE TER O SEU NOME...**

**Clínica de
imunizações**

POR GENTILEZA,
RESPIRE E
DISTANCAMENTO



FOZ DO IGUAÇU
112
Anos

CABO CASSOL
VEREADOR

P A R A B É N S

Foz **112** anos



SIDNEI
PRESTES
VEREADOR



Parabéns
Foz do Iguaçu
112
Anos

Parabéns, Foz do Iguaçu!
Você é um lugar cheio de história, cultura e beleza. Sou grato por te chamar de lar.

ADRIANO RORATO
VEREADOR



Parabéns
Foz do Iguaçu
112
anos

Paulo Debrito
VEREADOR





BALBINOT
VEREADOR



PARABÉNS
Foz do Iguaçu
112 Anos



Elvis Pereira e a família Hot Pizza



P A R A B É N S

FOZ

112

anos

TULIO BANDEIRA



BANDEIRA
ADVOGADOS
advocacia e consultoria



PARABÉNS

FOZ

PELOS SEUS

112

ANOS

VEREADOR

EVANDRO FERREIRA



psd
Partido Social Democrático



evandroferreirafoz




PARABÉNS

Foz do Iguaçu!

112
anos



SINDIRECEITA
Analistas-Tributários



PARABÉNS

Foz do Iguaçu

112 anos

CIDADE QUERIDA, CELEBRO SEUS ANOS COM AMOR E GRATIDÃO!

Tércio Albuquerque



parabéns

FOZ DO IGUAÇU

POR COMPLETAR 112 ANOS DE HISTÓRIA

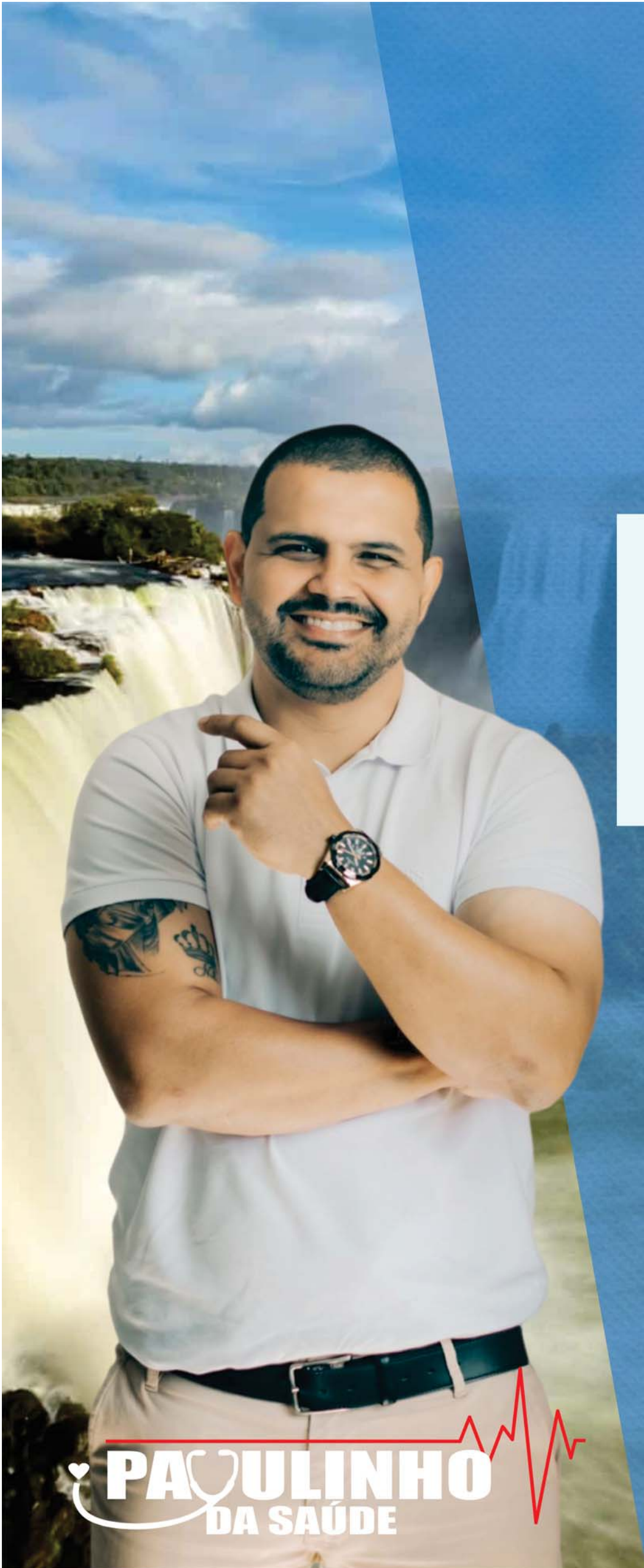
DEPUTADO ESTADUAL

Matheus Vermelho



Parabéns

**FOZ
DO
IGUAÇU
112 ANOS**



 **PAULINHO
DA SAÚDE**

**Celebramos 112 anos de Foz do Iguaçu,
uma cidade que representa a força,
a diversidade e o desenvolvimento do nosso Paraná.**

**Terra acolhedora, de riquezas naturais únicas e de um povo trabalhador
que constrói diariamente uma história de crescimento
e orgulho para todo o Brasil.**

PARABÉNS
PELOS SEUS 112 ANOS
DE HISTÓRIA E CONQUISTAS!



Deputado Estadual
BATATINHA
Oziel Luiz

É MAIS QUE LEGISLAR, É

CÂMAR A

NOSSO ESPORTE.

Lei Orgânica do Município
de Foz do Iguaçu/PR

**FAVORECE O
INCENTIVO AO
ESPORTE
PROFISSIONAL.**

O esporte de alto rendimento
promove a saúde, revela talentos
e fortalece nossa representatividade
no cenário regional e nacional.
Essa lei a Câmara aprova.

O **AMOR** por Foz
está aqui dentro.



ACESSE E
CONHEÇA ESTA
E OUTRAS AÇÕES
DA CÂMARA.

**Câmara
de Foz**

Parque Nacional do Iguaçu bate recorde de visitantes no mês de maio com 156 mil visitantes

Parque ultrapassa 920 mil visitantes no acumulado do ano e projeta atingir a marca de 1 milhão ainda no primeiro semestre de 2026

Urbia Cataratas - PNI

Foto: Urbia Cataratas

O Parque Nacional do Iguaçu registrou, em maio, a maior visitação da história para o mês, com a entrada de 156.449 visitantes. O resultado dá continuidade à sequência de recordes registrados em 2026, consolidando os maiores índices de visitação da história do atrativo. Com a marca de 928 mil visitantes desde o início do ano, a expectativa é alcançar 1 milhão de visitantes ainda no primeiro semestre, antecipando em aproximadamente um mês um marco que, no ano passado, foi atingido apenas durante o período de férias de julho.

Entre os fatores que contribuíram para o resultado estão o feriado prolongado do Dia do Trabalhador, quando, na sexta-feira, 1.º de maio, o parque recebeu mais de 13 mil visitantes, e a realização da Meia Maratona das Cataratas, evento que levou cerca de 9 mil pessoas, entre atletas, acompanhantes e turistas, ao parque em um único fim de semana.



"Os resultados reforçam o posicionamento do Parque Nacional do Iguaçu como um dos principais destinos turísticos do mundo. Temos observado um crescimento consistente da visitação, impulsionado por grandes eventos, feriados estratégicos e pela diversificação das experiências oferecidas aos visitantes", destaca Mario Macedo Junior,

CEO da Urbia+Cataratas, concessionária responsável pela gestão da visitação do parque.

Visitantes brasileiros lideram fluxo turístico

O público nacional segue predominando entre os visitantes do parque. Em maio, as nacionalidades com maior presença foram: Brasil (com

103.641 turistas), Argentina, Alemanha, Estados Unidos, Paraguai, Peru, França, Chile, Espanha e Colômbia.

Entre os estados brasileiros com maior número de visitantes, o Paraná lidera o ranking, com 28.231 visitantes, seguido por São Paulo, com 25.197; Rio de Janeiro, com 8.464; Santa Catarina, com 7.477; Minas Gerais, com

6.123; e Rio Grande do Sul, com 5.015 visitantes.

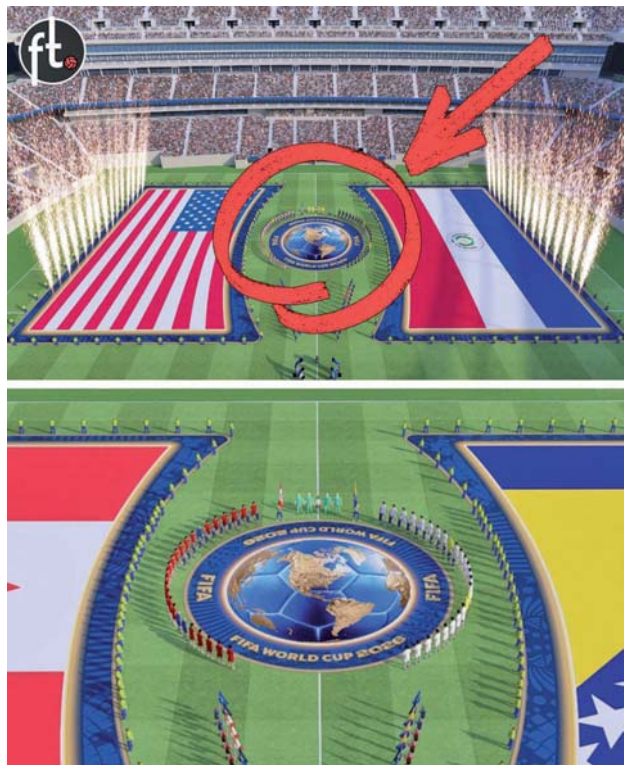
Sobre o Parque Nacional do Iguaçu

O Parque Nacional do Iguaçu, administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), conta com a gestão da visitação turística realizada pela concessionária Urbia+Cataratas. Reconhecido como Patrimônio Mundial Natural pela UNESCO, é referência internacional em turismo sustentável. Além disso, foi considerado a principal atração do Brasil e da América Latina pelos usuários do Tripadvisor no prêmio Best of the Best 2025.

Mais informações:

contato@catarataspni.com.br
cataratasdoiguacu.com.br





Demonstração da nova mudança

A FIFA apresentou uma nova e ambiciosa visão para as cerimônias pré-jogo da Copa do Mundo. O novo formato, será com todos os jogadores convocados para a partida eles ocuparão o centro do palco ao lado de seus companheiros de equipe, em torno da faixa central, durante os hinos nacionais. A mudança garante que todos os membros do elenco e não apenas os titulares e também os reservas compartilhem orgulho,emoção e a importância de representar sua nação no maior palco do futebol mundial.

Parabéns Foz do Iguaçu, 112 anos!

Você nasceu do encontro das águas e cresceu no encontro dos povos. Em 112 anos, virou símbolo de beleza, força e união.

São os votos de **Abílio Henrique Bottega, Agente de Futebol e Jornalista**



Jornalista: Abílio Henrique Bottega - 0012882/PR MTB

COPA DO MUNDO 2026

Jogadores que foram artilheiros e líderes em assistências em uma Copa do Mundo

Foto: Reprodução da Internet



Ademir e Thomas Muller com a Taça da Copa do Mundo de 2014

Ademir no Brasil em 1950:

- 9 gols
- 6 assistências

Thomas Müller na África do Sul em 2010:

- 5 gols
- 3 assistências

8 Seleções irão ao Mundial com atletas 100% nascidos em seu países

Entre eles o Brasil o que chama atenção são os restantes das 40 seleções que terão em seus elencos atletas de outras nacionalidades.

MUNDIAL 2026											
TURQUIA	IRÂM	ARGENTINA	ESPANHA	PARAGUAI	URUGUAI	CHILE	PERU	COLOMBIA	ARGENTINA	CHILE	PERU
CHINA	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA
URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI	FRANÇA	URUGUAI					

 Abilio Henrique Bottega
 bottega_77
 Bottega77 @futebolista2
 Abilio Henrique Bottega

Para sugestões de pautas,
 críticas e elogios entre
 em contato
 abiliobottega@hotmail.com

COPA DO MUNDO 2026

Inovação da FIFA

A FIFA vai lançar um novo ranking de jogadores na Copa do Mundo 2026



Pela primeira vez, cada atleta será avaliado com base em dados objetivos de desempenho durante a competição. Os critérios adotados vão medir ações ofensivas, criatividade e desempenho defensivo, gerando uma classificação atualizada ao longo do torneio. Após a primeira rodada, a entidade começará a divulgar rankings com os 100 MELHORES JOGADORES em cada categoria. As atualizações serão publicadas depois de cada jogo, com os resultados disponíveis poucas horas após o apito final. A ideia é aproximar ainda mais os torcedores dos números e histórias que surgirem durante a maior Copa do Mundo da história.

¿SABIAS QUE ALEXIS THEPOT FOI O PRIMEIRO GOLEIRO A DEFENDER UM PÊNALTI EM UMA COPA DO MUNDO?



Aconteceu em 19 de julho de 1930, na partida França contra Chile, desviando o chute do jogador chileno Carlos Vidal.



Teremos 8 pares de irmãos nessa Copa Do Mundo



Foto: Abaca Press

Marfinense Guéla Doue, comemorando seu gol da vitória contra a França, e chutando a bandeirinha do país que seu irmão Desiré Doue escolheu jogar

-  Guéla Doue
-  Desiré Doue
-  Iñaki Williams
-  Nico Williams
-  Kevin Luckassen
-  Brian Brobbey
-  John Souttar
-  Harry Souttar
-  Lucas Hernández
-  Théo Hernández
-  Madeira Quinten
-  Jurriën Madeira
-  Laros Duarte
-  Deroy Duarte
-  Leandro Bacuna
-  Juninho Bacuna

Anitala Mota



A segurança da bolha: Quando o perigo mora sempre na casa dos outros

Segurança pública não se mede pela tranquilidade de quem mora atrás de guaritas e vigilantes particulares

Enrique Alliana / Jornalista

Foto: Reprodução

Falhas existem em qualquer lugar do mundo. Nenhum sistema é perfeito, nenhuma gestão é infalível e nenhuma cidade está completamente livre da criminalidade. Mas existe uma diferença gigantesca entre reconhecer problemas e fingir que eles não existem. Em Foz do Iguaçu, parece que alguns gestores públicos escolheram a segunda opção.

Enquanto moradores relatam furtos, roubos, vandalismo e uma crescente sensação de insegurança, existe uma parcela privilegiada da administração municipal que aparentemente vive em uma realidade paralela, uma espécie de universo alternativo onde tudo funciona perfeitamente e a criminalidade é apenas uma lenda urbana contada pelos jornais.

De um lado está o secretário de Segurança Pública Almirante Tinoco, protegido pelo conforto de um condomínio onde os muros parecem até dispensáveis diante da presença de vigilância privada armada. Do outro, o diretor da Guarda Municipal, instalado em um prédio que mais se assemelha a uma fortaleza medieval moderna, com porteiro 24 horas, monitoramento constante e toda a tranquilidade que o cidadão comum gostaria de ter.

É fácil acreditar que a cidade está segura quando o perigo precisa passar por portões eletrônicos, câmeras, vigilantes e porteiros antes de chegar até você.

Enquanto isso, o restante da população enfrenta uma reali-

dade um pouco diferente. O comerciante que fecha as portas com medo de encontrar tudo arrombado no dia seguinte. O trabalhador que volta para casa olhando para trás a cada esquina. O morador que instala grades, cercas elétricas, alarmes e ainda assim dorme preocupado.

Mas, segundo alguns discursos oficiais, o problema seria apenas a falta de efetivo.

Será mesmo?

Porque, observando certas situações, surge uma dúvida inevitável: falta efetivo nas ruas ou sobra efetivo dentro dos escritórios?

"Dois guardas, duas pranchetas e nenhuma surpresa"

Na sede da Guarda Municipal existe um exemplo quase didático de como transformar profissionais treinados e armados em anotadores de luxo. Dois guardas municipais permanecem na portaria realizando funções administrativas. Um registra placas de veículos. Outro registra nomes de visitantes. Ambos equipados, armados e recebendo salários que se aproximam dos R\$ 15 mil mensais.

Não há qualquer desmerecimento na atividade de controle de acesso. O questionamento é outro: será que essa é realmente a melhor utilização possível de agentes preparados para atuar na segurança pública?

Afinal, em qualquer empresa minimamente preocupada com eficiência administrativa, tarefas dessa natureza poderiam ser desempenhadas por servidores administrativos, es-



tagiários ou programas informatizados.

Mas a criatividade gerencial não para por aí.

"Enquanto o crime corre, a escada caminha"

Existe também o que alguns servidores já apelidaram de "GTE" o famoso Grupo Tático de Escala. O nome sugere uma equipe de elite pronta para enfrentar criminosos perigosos. A realidade é menos cinematográfica. Quatro servidores são responsáveis pela elaboração e gerenciamento das escalas de serviço.

Quatro.

Vale lembrar que em períodos anteriores, quando o efetivo da Guarda Municipal era significativamente maior, apenas um servidor realizava essa mesma tarefa utilizando papel, caneta e experiência.

Hoje, na era dos compu-

tadores, sistemas informatizados e automação administrativa, a atividade aparentemente exige uma força-tarefa completa: um dirige, outro auxilia, um supervisiona e outro publica.

Uma verdadeira operação de guerra contra as planilhas.

Enquanto isso, as ruas continuam aguardando reforços.

O mais curioso é que esse grupo não patrulha bairros, não realiza abordagens, não protege praças nem combate a criminalidade que cresce do lado de fora dos portões da própria corporação.

Talvez por isso a população tenha a sensação de que existe uma distância cada vez maior entre quem administra a segurança pública e quem precisa dela.

"Quem mora na bolha não escuta as sirenes"

A gestão do prefeito Ge-

neral Silva e Luna parece caminhar dentro de uma bolha administrativa cuidadosamente isolada da realidade cotidiana. Lá dentro, os relatórios podem até parecer organizados, as escalas perfeitamente distribuídas e as apresentações institucionais impecáveis. Aqui fora, entretanto, o cidadão continua trancando portões, reforçando grades e torcendo para que a próxima ocorrência não aconteça justamente na sua rua.

Porque segurança pública não se mede pela tranquilidade de quem mora atrás de guaritas e vigilantes particulares.

Segurança pública se mede pela sensação de proteção de quem espera o ônibus, abre o comércio, volta do trabalho ou simplesmente tenta viver em paz.

E essa conta, infelizmente, os moradores de Foz do Iguaçu conhecem muito bem.